

Rui Magno Pinto
CESEM/ FCSH - Universidade Nova de Lisboa
ruimagnopinto@gmail.com

“Maestro, toque mais um pouco por favor”: o vetusto repertório dos alegóricos desfiles e bailes carnavalescos na programação das bandas filarmónicas madeirenses

Algumas notas na imprensa periódica local sugerem, que, desde pelo menos 1888, pequenos efectivos das bandas filarmónicas madeirenses tomavam parte nas festividades religiosas: no número de 7 de Outubro, o redactor anunciava que a Filarmónica [Recreio] Artístico Madeirense (correntemente designada Banda Distrital do Funchal – Os Guerrilhas) tomaria parte nas festividades religiosas de São Gonçalo e Caniço. Alguns anos mais tarde, em 1902, outro redactor destacava que as filarmónica Recreio Artístico Madeirense e Recreio dos Lavradores (correntemente intitulada Banda Municipal de Câmara de Lobos) prestariam o seu serviço, “ambas inteiras”, no arraial de São Martinho, Funchal. Tais pequenos efectivos, intitulados “divisões”, são ainda hoje constituídos para as festividades religiosas madeirenses: compete ao tesoureiro da Direcção elencar quinze a vinte e cinco (de entre os cerca de 40 a 50) músicos para um específico arraial, e é habitual proceder-se à constituição de dois ou três efectivos para as festividades religiosas que decorrem entre finais de Maio e meados de Outubro. Na habitual realização de “voltas” até à casa dos principais “festeiros”, para saudar os beneméritos de uma específica festa religiosa, tais divisões executam vários temas ligeiros de memória, predominando a interpretação de bailinhos, trechos da música pop portuguesa e brasileira e “sambinhas”. A par com as canções e danças folclóricas regionais e outros temas folclóricos popularizados, com os temas da música “pimba” e de sertanejo amplamente conhecidos pelas comunidades locais, alguns testemunhos dos géneros musicais carnavalescos brasileiros têm prevalecido na programação das bandas filarmónicas madeirenses desde a sua introdução nos desfiles alegóricos que, por iniciativa da Banda Distrital do Funchal, se realizaram entre 1955 e 1974. Enquanto as bandas do Continente e dos Açores se prestam à “devoção religiosa”, ao entretenimento e à devoção artística das comunidades locais em procissões e concertos, as bandas da Madeira prosseguem ainda, para entusiasmo dos paroquianos, com as vetustas manifestações profanas dos alegóricos desfiles e bailes carnavalescos no decurso das festividades religiosas. Procurando oferecer uma panorâmica da praxis das bandas comunitárias regionais e apreciar os constrangimentos que levaram à persistência de um comum repositório musical entre as mesmas, a presente comunicação toma como estudo de caso tais habituais “sambinhas”, visando discutir os contextos que conduziram à sua introdução e prevalência na programação das filarmónicas madeirenses.

Palavras-chave: Bandas comunitárias; Região Autónoma da Madeira; Carnaval; Desfiles alegóricos; Bailes de máscaras; Samba; Marchas carnavalescas.

Rui Magno Pinto é doutorando em Ciências Musicais Históricas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e colaborador interno do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM – FCSH – UNL). A sua dissertação de doutoramento, orientada pelo Professor Doutor Paulo Ferreira de Castro, discute a